



CONTRADIÇÕES E TENSIONAMENTOS EM UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA: O EMBATE ENTRE QUESTÕES IDEOLÓGICAS E A CIÊNCIA

Rubiamara Pasinato¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho está alicerçado na Análise de Discurso Francesa e, parte do pressuposto de que uma formação discursiva (FD) tem fronteiras porosas, o que possibilita que saberes provenientes de outras FDs possam se fazer presentes em seu interior. Esse atravessamento de saberes nos permite dizer que, assim como a FD pode ser lugar de igualdade também pode abrigar a diferença e a contradição.

Feitas essas considerações, antecipadamente, queremos ressaltar que, amparados em Indursky (2008), nosso trabalho propõe um deslocamento de algumas questões teóricas, principalmente naquilo que tange a admitirmos que, assim como a formação discursiva é heterogênea, a forma-sujeito da FD também não é dotada de unidade. Essa questão abre possibilidade para pensarmos que a forma-sujeito de uma formação discursiva não abriga apenas uma posição-sujeito, isto é, aquela em que há a superposição entre o sujeito do discurso e o sujeito universal da FD. Ou seja, nossa perspectiva é de que há uma posição-sujeito dominante na forma-sujeito da FD, constituindo o discurso daquele que Pêcheux (1995) designou como bom sujeito, porém, conforme o sujeito se distancia e passa a questionar os saberes que emanam da posição-sujeito dominante, outras posições vão se delineando. Assim, diante desta perspectiva, no interior da forma-sujeito, a contraidentificação é representada não apenas por uma, mas por várias posições-sujeito que caracterizam o discurso do mau sujeito.

Dessa forma, pautados nesta possibilidade de deslocar a teoria, este artigo tem o objetivo analisar as contradições e tensionamentos discursivos presentes em uma declaração do ex-ministro-chefe da Casa Civil, Luiz Eduardo Ramos². Em específico, o *corpus* está relacionado ao episódio no qual, sem saber que a reunião do Conselho Federal de Saúde Suplementar estava sendo transmitida via internet, Ramos declarou ter sido imunizado para a Covid-19, embora não era a orientação, conforme o próprio ex-ministro revelou. Assim, é a partir do tensionamento que se manifesta pela contradição entre as questões ideológicas e a ciência, o qual acreditamos provocar a movimentação do sujeito dentro da forma-sujeito, que pretendemos conduzir a escrita.

OS DESDOBRAMENTOS DO SUJEITO NA FORMAÇÃO DISCURSIVA

Uma mesma formação discursiva pode abrigar saberes contraditórios e, por vezes, até antagônicos, possibilitando que o sujeito se movimente e ocupe diferentes posições discursivas, as quais são determinadas conforme o modo com que se relaciona com a heterogeneidade que é constitutiva da

¹ Doutora em Letras (UFRGS), e-mail rpinatto@hotmail.com.

² Foi substituído por Ciro Nogueira, no início do mês de agosto de 2021.

formação discursiva. A inscrição do sujeito em uma determinada formação discursiva se dá a partir do preenchimento do sujeito por aquilo que Pêcheux (1995) chama de forma-sujeito, ou seja, o sujeito do saber de uma FD.

Na prática discursiva, a interpelação do sujeito em sujeito do discurso, supõe, segundo Pêcheux (1995, p. 214, grifos do autor) um desdobramento do sujeito, “[...] de forma que *um dos termos* representa o “locutor”, ou aquele a que se habituou chamar de o “sujeito da enunciação” [...] e o outro termo representa “o chamado sujeito universal [...]”. A partir disso, o sujeito pode assumir, dentro de uma FD, três modalidades.

Na primeira modalidade há superposição entre sujeito da enunciação e sujeito universal (sujeito do saber), sendo assim, a tomada de posição do sujeito se dá pelo seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido” (PÊCHEUX, 1995). Trata-se, assim, daquele que Pêcheux (1995) chama de bom sujeito. Já na segunda modalidade, “[...] o *sujeito da enunciação* “se volta” *contra o sujeito universal* por meio de uma ‘tomada de posição’ [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 215, grifos do autor), caracterizando o discurso do “mau sujeito”. Há, portanto, um distanciamento entre o sujeito da enunciação e a forma-sujeito da formação discursiva, o que leva à contraidentificação do sujeito com a FD. Por fim, a terceira modalidade da tomada de posição delineada por Pêcheux (1995) funciona como uma interpelação da ideologia ao contrário, às avessas – sobre e contra si mesma-, com deslocamento da forma-sujeito que passa a se desidentificar com o sujeito universal, podendo se filiar a outra FD.

É importante assinalar que essas três desdobramentos de tomada de posição não são acessíveis ao sujeito, haja vista que elas acontecem em uma ordem simbólica. Dito de outra maneira, o sujeito não tem controle sobre a tomada de posição na formação discursiva, pois ela se dá no funcionamento do discurso e pela interpelação da ideologia.

Como já dissemos, estamos trabalhando diante da perspectiva de que, assim como a formação discursiva é heterogênea em virtude da circulação de saberes que por vezes podem ser até antagônicos, a forma-sujeito também é espaço de contradição e, por isso, pode fragmentar-se em diferentes posições-sujeito. É, pois, focando nessa discussão, que daremos continuidade à escrita.

FRAGMENTAÇÃO DA FORMA-SUJEITO: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Para pensarmos sobre a fragmentação da forma-sujeito é mister recorrermos a alguns delineamentos que são apresentados por Indursky (2008) em *Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso*. No referido texto, ao discutir aspectos atinentes à tomada de posição e ao conjunto de posições-sujeito que pode se desenhar dentro de uma formação discursiva, a autora propõe a existência de uma posição-sujeito dominante quando pensamos da modalidade do bom sujeito.

Indursky (2008, p.18) entende que se existe um conjunto de posições-sujeito, e não apenas duas - o bom e o mau sujeito -, somente uma delas remete ao que Pêcheux denominou de bom sujeito, isto é, aquele que se identifica plenamente com a forma-sujeito, logo, reduplicando seu saber. Dessa forma, esta posição-sujeito “[...] se constitui em uma *posição-sujeito dominante* em relação às demais posições em que a forma-sujeito se fragmenta. (INDURSKY, 2008, p. 18, grifos da autora).

Nesse âmbito, interessa-nos outra questão levantada pela autora no que tange à fragmentação da forma-sujeito. Segundo Indursky (2008), a identificação do sujeito do discurso com uma FD não acontece a partir da forma-sujeito da formação discursiva, haja vista que ela é heterogênea e fragmentada. Ou seja, “[...] o sujeito se identifica com a FD através de uma de suas posições-sujeito e, por seu viés, com a forma-sujeito.” (INDURSKY, 2008, p. 19). Assim, esse deslocamento na teoria, permite-nos pensar que, quando se identifica com a posição-sujeito dominante da FD, o sujeito passa a corresponder àquilo que Pêcheux designou como efeito-sujeito, isto é, há uma superposição entre o sujeito do discurso e os saberes que correspondem a esta posição-sujeito. E, a partir da plena identificação, constitui-se em um bom sujeito.

Nesse contexto, importa destacar que o distanciamento do sujeito em relação aos saberes que organizam a posição-sujeito dominante possibilita a existência de outras posições-sujeito, vindo a caracterizar, nos termos de Pêcheux (1995), o mau sujeito. Isso significa que a superposição já não é plena, haja vista que a partir do questionamento do sujeito “[...] vão surgindo as diferenças no interior da FD, trazendo heterogeneidade para o âmbito da forma-sujeito e da FD que ela organiza.” (INDURSKY, 2008, p. 19).

Por fim, convém ressaltar que, embora a autora proponha alguns deslocamentos teóricos, as noções de bom e mau sujeito não desaparecem, elas apenas mudam de natureza e são reorganizadas a partir da noção da fragmentação da forma-sujeito da formação discursiva.

MOVIMENTOS ANALÍTICOS

Para entendermos o porquê a declaração do ministro trouxe tensão ao interior da formação discursiva de Direita (FDD) e, sobretudo, distanciou o sujeito de sua identificação plena com a posição-sujeito dominante – a posição-sujeito bolsonarista (PSB)- é necessário registrar algumas considerações sem as quais não poderemos dar prosseguimento às análises.

Um primeiro ponto a ser observado é quanto à FDD, a qual, acompanhando o delineamento feito por Indursky (2020), é extremamente heterogênea, pois nela estão inscritos saberes provenientes de diferentes regiões do interdiscurso. Para que possamos refletir acerca disso, é preciso retomar que as fronteiras de uma formação discursiva são “porosas”. Em virtude disso, “[...] seu domínio do saber é frequentemente atravessado/invadido por saberes provenientes de outras formações discursivas, de outra forma-sujeito, de outras posições-sujeito [...]” (INDURSKY, 2008, p. 17). Isso significa que, da mesma forma que a FD pode abrigar a igualdade de sentidos e unicidade do sujeito, também pode ser “lugar” da contradição e de divergência.

Um segundo ponto que precisa ser considerado é quanto à PSB, a qual, em nosso entendimento, a partir da perspectiva de que a forma-sujeito pode fragmentar-se, corresponde à posição-sujeito dominante da forma-sujeito da FDD. Identificam-se com a posição-sujeito bolsonarista sujeitos que negam a ciência, minimizam a pandemia, questionam o funcionamento das vacinas, entre outros saberes.

Feitas essas observações, passamos ao recorte da fala do ex-ministro que é objeto desta análise:

Tomei, foi em Brasília, ali no Shopping Iguatemi. Tomei escondido porque a orientação era para todo mundo ir para casa, mas vazou. Mas tomei mesmo, não tenho vergonha não. Eu tomei e vou ser sincero porque eu, como qualquer ser humano, eu quero viver. Eu tenho dois netos maravilhosos, eu tenho uma mulher linda, eu tenho sonhos ainda. Então, eu

quero viver, pô. E se a ciência, a medicina, fala que é a vacina — né Guedes? —, quem sou eu para me contrapor? (ABRIL, 2021)

Tomando o *corpus* de maneira geral, observa-se que ao creditar a vacina e a ciência como saídas para o enfrentamento à pandemia, o discurso de Ramos manifesta saberes que se contrapõem àqueles que organizam a posição-sujeito dominante da forma-sujeito da FDD, isto é, a posição-sujeito-bolsonarista. Em decorrência disso, constitui-se naquilo que Pêcheux (1995) designou como mau sujeito. Portanto, ocorre um distanciamento do sujeito do discurso em relação aos saberes organizados pela PSB. Isso faz com que ele se movimente e estabeleça relações com outras posições-sujeito decorrentes da fragmentação da forma-sujeito. Cabe pontuar que, conforme ressalta Indursky (2008, p. 19), essa relação de “[...] intersubjetividade³ que se estabelece entre a posição-sujeito dominante e as demais é, quase sempre, muito tensa.”

Como sabemos, para a Análise de Discurso, o funcionamento da linguagem está assentado na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. E, [...] é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam [...].” (ORLANDI, 2009, p. 36). Ou seja, a produção de sentidos se dá pelo caráter heterogêneo do discurso, o qual se estrutura entre o tensionamento de relações entre o mesmo e o diferente.

Em especial, diante deste *corpus*, queremos ajustar o foco para o funcionamento do verbo “tomar”, enquanto regularidade que se repete por quatro vezes na fala do ex-ministro. Em vista disso, tomaremos as seguintes sequências discursivas:

Sd1 - “Tomei, foi em Brasília”

Sd 2 - “Tomei escondido [...] mas vazou.”

Sd 3 - “Mas tomei mesmo [...] não tenho vergonha não.”

Sd4 - “Eu tomei e vou ser sincero porque eu [...] eu quero viver.”

Uma vez reconhecida a repetição, segundo nos ensina Achard (1999), é necessário admitir que existem processos para estabelecer deslocamento, comparação e relações contextuais. Isso significa que a existência de um jogo de forças entre a estabilidade e a (re)significação. Diante disso, ressalta-se que nem sempre a repetição de uma palavra está relacionada à retomada do sentido instalado anteriormente. Repetir também pode representar a atualização dos sentidos ou a abertura para um novo.

No caso das sequências discursivas recortadas, o verbo “tomar” é uma recorrência que reporta ao mesmo domínio de saber, não apenas devido à estrutura gramatical, mas principalmente, porque a referida estrutura é a marca que assinala o questionamento do sujeito do discurso acerca dos saberes que dominam a posição-discursiva bolsonarista.

Para que possamos aprofundar estas discussões acerca do funcionamento do verbo “tomar”, é interessante trazer presente o fato de que, por repetidas vezes, ao fazer referência à pandemia da Covid-19, o presidente da república Jair Messias Bolsonaro, a quem Ramos estava hierarquicamente subordinado, minimizou a doença e desqualificou àqueles que temiam seus efeitos nefastos. Isso pode ser exemplificado por afirmações que foram amplamente divulgadas pela mídia, tais como “*É só uma gripezinha*” e “*Todos nós*

³ O termo está relacionado à “intersubjetividade falante” que advém de Pêcheux (1995, p. 173).

vamos morrer um dia. Não adianta fugir disso, fugir da realidade, tem que deixar de ser um país de maricas.” Esses dizeres refletem um sujeito que está plenamente identificado com a PSB. Dessa forma, ao revelar que se vacinou e justificar que o fez *“porque eu, como qualquer ser humano, eu quero viver”*, o ex-ministro reconhece a possibilidade de que a doença pudesse evoluir para quadros graves e levar à morte, contrapondo-se, portanto, aos saberes organizadores desta posição-sujeito.

Verifica-se que, como explícito na Sd2, possivelmente, Ramos pretendia manter em sigilo que havia sido imunizado, porém houve “vazamento” desta informação. A vacina, então, parece representar algo ilícito ou errado, tanto é que precisou ser às escondidas, porém, como “vazou”, na tentativa de conter os sentidos que instalam pela contradição, o sujeito se justifica, ressaltando que se trata de uma questão de permanecer vivo, conforme podemos observar no seguinte fragmento: *“como qualquer ser humano, eu quero viver. Eu tenho dois netos maravilhosos, eu tenho uma mulher linda, eu tenho sonhos ainda.”* Nota-se, aqui, a preocupação do sujeito em justificar que a decisão de ter tomado a vacina foi deliberadamente sua, inclusive marcada pelo dêitico de 1ª pessoa, “eu”. Quanto a isso, é interessante observar que, o sujeito até pode tentar encobrir a contrariedade à orientação recebida -*“a orientação era para todo mundo ir para casa”* -, mas não consegue tamponar a contradição que se instala no momento em que optou por vacinar-se, já que isso representa o questionamento dos saberes que organizam a PSB.

Além disso, outros dizeres também são convocados a significar pelo trabalho da memória discursiva quando pensamos acerca do funcionamento do verbo “tomar” neste *corpus*, como é o caso das “investidas” de Bolsonaro na “tarefa” de colocar em dúvida a confiabilidade das vacinas, logo, fortalecendo o discurso anti-ciência. Para exemplificar, podemos citar o episódio em que o presidente, ao insinuar que os efeitos colaterais das vacinas eram desconhecidos, sentenciou *“Se você virar um jacaré, é problema seu”*, justificando que as empresas não se responsabilizariam por eventuais intercorrências que pudessem ser causadas pelos imunizantes. Desse modo, ao dizer *“E se a ciência, a medicina, fala que é a vacina — né Guedes? —, quem sou eu para me contrapor?”*, o ex-ministro se contrapõe novamente aos saberes que estão em dominância na posição-sujeito bolsonarista.

Dessa forma, quando opta por se vacinar, o ex-ministro reconhece a Ciência enquanto forma de enfrentamento à pandemia, inclusive assinala isso em sua própria fala. A partir disso, ao questionar os saberes que organizam a posição-sujeito dominante, ou seja, a PSB, se estabelece uma relação de tensão, decorrente da heterogeneidade de saberes que “povoam” a forma-sujeito da FDD. Por conseguinte, a superposição entre o sujeito do discurso e os saberes que organizam a posição-sujeito dominante não é mais plena, Essa condição faz com que a forma-sujeito se fragmente, e o sujeito passa a se relacionar com outras posições-sujeito resultantes da fragmentação da forma-sujeito que organiza essa posição-sujeito, movimentando-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, como efeito de fechamento, é indispensável reiterar que nosso percurso tomou como premissa a condição de que, assim como uma formação discursiva é “povoada” por saberes distintos, o que implica heterogeneidade, a forma-sujeito que organiza a FD também é heterogênea. É justamente isso que nos possibilitou pensar na fragmentação da forma-sujeito, bem como na existência de uma posição-sujeito dominante em relação às demais dentro da forma-sujeito.

Em vista disso, trazendo esse deslocamento para o *corpus*, não é precipitado dizermos que a condição heterogênea da Formação Discursiva de Direita (FDD) é resultado do desdobramento da forma-sujeito que organiza a FD, a qual se apresenta fragmentada porque abriga a diferença e a ambiguidade em seu interior. Essa condição de heterogeneidade nos permite dizer que a forma-sujeito não apresenta apenas uma posição-sujeito, mas, ao contrário, é espaço de várias posições-sujeito, as quais vão se delineando conforme se distanciam dos saberes que organizam a posição-sujeito dominante, isto é, a posição-sujeito bolsonarista que caracteriza o discurso do bom sujeito. Isso significa que o mau sujeito é representado não apenas por uma posição-sujeito, mas por todas as outras posições que são diferentes à posição-sujeito dominante.

Dessa forma, quando opta por ser vacinado e marca em seu discurso que a vacina e, por consequência a ciência, é a saída para o enfretamento da pandemia, o sujeito do discurso já não está mais plenamente identificado com os saberes que organizam a PSB. Assim, Ramos passa a caracterizar o discurso do mau sujeito, haja vista que há um distanciamento entre o sujeito do discurso e os saberes que emanam da posição-sujeito dominante, o que leva à contraidentificação.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- COURTINE, Jean-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução Cristina de Campos Velho, Didier Martin, Maria Lúcia Meregalli *et al.* São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969].1997.
- INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In*: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (org.). **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prata, 2008. p. 9-33.
- INDURSKY, F. O teatro do grotesco como cenário da desconstrução do Brasil. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 365-388, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1730#headerAbralín>. Acesso em: 05 ago. 2021.
- INDURSKY, F. Análise de Discurso. *In*: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). **Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Tradução Bethânia S. Mariani *et al.* Campinas, SP: Unicamp, [1975]1990. p.163-179.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. *In*: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 2014.
- RAMOS diz que tomou 'escondido' vacina contra Covid e que teme por Bolsonaro não se vacinar. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/27/ramos-diz-que-tomou-escondido-vacina-contracovid-e-que-teme-por-bolsonaro-nao-se-vacinar.ghtml>. Acesso em: 27 maio 2021.